

Uma Introdução à Gordon Clark

por

John W. Robbins

Quem é Gordon Clark?

Carl Henry pensa que Clark é “um dos mais profundos filósofos protestantes evangélicos de nosso tempo”. Ronald Nash tem elogiado-o como “um dos maiores pensadores cristãos de nosso século”. Ele foi um autor prolífico, tendo escrito mais de 40 livros durante sua longa carreira acadêmica. Sua filosofia é a mais consistente filosofia cristã já publicada, todavia, poucos seminaristas ouvem seu nome sequer mencionado em suas salas de aula, muito menos são obrigados a lerem os seus livros.

Se eu pudesse traçar uma comparação, seria como se os estudantes de teologia de meados do século XVI nunca ouvissem seus professores mencionar Martinho Lutero ou João Calvino. Teria sido um grande blecaute educacional e eclesiástico. Tanto as igrejas como os educadores saíram do seu caminho para evitar Clark. Eles têm enganado uma geração de estudantes e membros de igreja. Como estudante de teologia do final do século XX, você não deve se considerar bem instruído até que você seja familiar com a filosofia de Gordon Haddon Clark.

Uma Breve Biografia

A vida de Clark foi uma de controvérsia — teológica e filosófica. Ele foi uma mente brilhante, e sua filosofia continua a ser um desafio às noções prevaletentes dos nossos dias. É sua filosofia que faz de sua biografia tanto interessante como importante, pois suas batalhas eram batalhas intelectuais.

Clark foi um ministro Presbiteriano, e seu pai tinha sido um ministro Presbiteriano antes dele. Nascido na Filadélfia urbana no verão de 1902, ele morreu no Colorado rural na primavera de 1985. Clark foi educado na Universidade de Pensilvânia e de Sorbonne (Paris). Sua graduação foi na França; seu trabalho de graduação foi sobre filosofia primitiva. Ele escreveu sua dissertação de doutorado sobre Aristóteles. Ele rapidamente adquiriu o respeito de filósofos profissionais publicando uma série de artigos nos jornais acadêmicos, traduzindo e editando textos filosóficos do grego, e editando dois textos padrões, *Readings in Ethics* [Leituras em Éticas] e *Selections from Hellenistic Philosophy* [Seleções da Filosofia Helenística]. Ele ensinou na Universidade da Pensilvânia, no Seminário Reformado Episcopal, na Faculdade Wheaton, na Universidade Butler, na Faculdade Covenant e no Seminário Sangre de Cristo. No decorrer de seus 60 anos de carreira de ensino, ele escreveu mais de 40 livros, incluindo uma história da filosofia, *Thales to*

Dewey [Thales to Dewey], que permanece sendo o melhor volume sobre história da filosofia em inglês. Ele também palestrou amplamente, pastoreou uma igreja, constituiu uma família e jogava xadrez. Nos últimos 15 anos eu tenho sido o editor de seus livros e ensaios. Há mais livros seus impressos hoje do que em qualquer época durante a sua vida sobre a Terra, todavia, poucos seminaristas conhecem algo sobre ele.

Durante toda a sua vida Clark esteve envolvido em controvérsias: primeiro, como um jovem na velha Igreja Presbiteriana de Warfield e Machen, onde, como um presbítero regente de 27 anos de idade, pela primeira vez ele encontrou os modernistas e então, ajudou J. Gresham Machen a organizar a Igreja Presbiteriana da América [Presbyterian Church of América], mais tarde conhecida como Igreja Presbiteriana Ortodoxa [Orthodox Presbyterian Church]. Aquelas atividades eclesiais lhe custaram a presidência do Departamento de Filosofia na Universidade de Filadélfia.

A segunda maior controvérsia de Clark foi na Faculdade Wheaton em Illinois, onde ele ensinou de 1936 a 1943, após deixar a Universidade da Pensilvânia. Ali seu Calvinismo deixou-lhe em conflito com o Arminianismo de alguns membros da faculdade e da administração, e ele foi forçado a se demitir em 1943. A Faculdade de Wheaton nunca foi a mesma desde então, declinando numa espécie de neo-evangelicalismo turvo, indiferente e moderno.

De 1945 a 1973 Clark foi Presidente do Departamento de Filosofia na Universidade de Butler, em Indianápolis, onde ele desfrutou uma relativa paz e liberdade acadêmica. Mas dentro da sua denominação, a Igreja Presbiteriana Ortodoxa, uma terceira maior controvérsia se levantou, e não houve paz.

Em 1944, aos 43 anos de idade, Clark foi ordenado um presbítero docente pelo Presbítero da Filadélfia. Uma facção conduzida por Cornelius Van Til e composta largamente do corpo docente do Seminário de Westminster desafiaram prontamente sua ordenação. A batalha sobre a ordenação de Clark, que se tornou conhecida como a controvérsia Clark-Van Til, travou-se por anos. Em 1948, a Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana Ortodoxa finalmente vindicou Clark. Sua ordenação permaneceu de pé; o esforço para removê-lo fracassou. Todavia, esse fracasso dos Van Tilianos para remover Clark tem sido falsificado por pelo menos um biógrafo de Van Til, o falecido William White, e essa falsificação da história se tornou a especialidade de alguns proponentes de Van Til e do Seminário de Westminster.

Desafortunadamente, a derrota da facção Van Til/Seminário de Westminster não encerrou o assunto. Aqueles que tinham sem sucesso mirado a remoção de Clark, após isso levantaram acusações similares contra um dos defensores de Clark. Nesse ponto, ao invés de gastar outros três anos lutando uma facção que tinha sido derrotada uma vez, os defensores de Clark deixaram a Igreja Presbiteriana Ortodoxa, e Clark relutantemente foi com eles. Anos mais tarde ele me disse que teria gostado de permanecer na Igreja Presbiteriana Ortodoxa, mas sentiu um senso de lealdade àqueles que o tinham defendido.

Após ele sair, os Van Tilianos não tiveram nenhuma oposição intelectual séria dentro da Igreja Presbiteriana Ortodoxa.

Clark ingressou na Igreja Presbiteriana Unida [United Presbyterian Church] — não a grande denominação, que não era chamada de Igreja Presbiteriana Unida nessa época — mas uma denominação pequena, muito conservadora. Ali ele travou outra batalha tanto sobre doutrina como sobre bens da igreja. Quando a denominação Presbiteriana Unida se uniu à igreja principal na década de 1950, Clark deixou essa igreja e se uniu à Igreja Presbiteriana Reformada [Reformed Presbyterian Church], que mais tarde se fundiu com o Sínodo Evangélico para formar a Igreja Presbiteriana Reformada, Sínodo Evangélico. Ele permaneceu ao lado dessa Igreja até ela se fundir com a Igreja Presbiteriana na América [Presbyterian Church in America] em 1983. Clark recusou se unir à Igreja Presbiteriana na América por questões doutrinárias, e por aproximadamente um ano ele foi um RPCES [Reformed Presbyterian Church Evangelical Synod Denomination — Igreja Presbiteriana Reformada Denominação Sínodo Evangélico]. Alguns meses antes de sua morte, em Abril de 1985, ele se afiliou ao Presbitério Covenant.

Durante seus anos de vida Clark nunca arranjou um nome para sua filosofia. Às vezes ele a chamava de *pressuposicionalismo*; outras vezes de *dogmatismo*; em ainda outros tempos de *racionalismo cristão* ou *intelectualismo cristão*. Nenhum desses nomes, temo, capta o significado correto. Deixe-me explicar o porquê: toda filosofia, como explicarei num momento, tem pressuposições; alguns filósofos apenas não querem admitir. Todos os filósofos, pela mesma razão, são dogmáticos, embora alguns pretendam ter mentes-abertas. E a frase “racionalismo cristão” é uma forma estranha e enganadora de descrever as visões de Clark, visto que Clark gastou muito tempo refutando o racionalismo em seus livros. Todavia, alguém pode ver o porquê Clark usou os termos: *pressuposicionalismo* foi o termo que ele usou para distinguir suas visões do evidencialismo; *dogmatismo* foi o termo que ele usou para distinguir suas visões tanto do evidencialismo como do racionalismo; e o *racionalismo* e o *intelectualismo* foram os termos que ele usou para distinguir suas visões do irracionalismo intelectual e do anti-intelectualismo. Clark, certamente, mantinha que sua filosofia era o Cristianismo entendido corretamente. Mas, visto que há tantas visões reivindicando ser Cristianismo, é útil nomear a filosofia de Clark e, assim, facilmente distingui-la das restantes.

Portanto, eu gostaria de começar minhas palestras esta noite nomeando sua filosofia — e antes do que chamá-la de Racionalismo Dogmático Pressuposicional, ou Pressuposicionalismo Dogmático Racional, ou Dogmatismo Racional Pressuposicional — e antes do que deixar seu título ser determinado por sua oposição teológica — eu lhe darei um nome que revela o que ela significa: *Escrituralismo*. Ele evita todos os defeitos dos outros nomes, e nomeia o que fez da filosofia de Clark uma filosofia única: uma devoção inflexível à Escritura somente. Clark não tentou combinar noções seculares e cristãs, mas derivou todas as suas idéias da Bíblia somente. Ele era intransigente em sua devoção à Escritura: todos os seus pensamentos — não havia exceções — eram trazidos em conformidade com a Escritura, pois todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão contidos na Escritura. O

Escrituralismo é a aplicação logicamente consistente das idéias cristãs — isto é, escriturísticas — a todos os campos de pensamento. Um dia, se Deus quiser, não será mais necessário chamar essa filosofia de Escrituralismo, pois ela prevalecerá sob o seu nome original e mais apropriado, *Cristianismo*.

A Filosofia do Escrituralismo

Se eu fosse sumarizar a filosofia do Escrituralismo de Clark, eu diria que ela era algo como isto:

1. Epistemologia: Revelação Proposicional
2. Soteriologia: Fé Somente
3. Metafísica: Teísmo
4. Ética: Lei Divina
5. Política: República Constitucional

Traduzindo essas idéias para uma linguagem mais familiar, poderíamos dizer:

1. Epistemologia: A Bíblia me diz assim.
2. Soteriologia: Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo.
3. Metafísica: Nele vivemos, e nos movemos, e existimos.
4. Ética: Antes, importa obedecer a Deus do que aos homens.
5. Política: Proclamar liberdade por todo o país.

Clark desenvolveu essa filosofia em mais de 40 livros, muitos dos quais foram publicados durante seus dias de vida, a maioria dos quais estão agora disponíveis na forma impressa, e uns poucos dos quais ainda não foram publicados. Consideremos primeiramente o ramo fundamental da filosofia, ou seja, a epistemologia, a teoria do conhecimento.

Epistemologia

O Escrituralismo sustenta que Deus revela a verdade. O Cristianismo é a verdade proposicional revelada por Deus, proposições que foram escritas nos 66 livros que chamamos de Bíblia. A revelação é o ponto de partida do Cristianismo, o seu axioma. O axioma, o primeiro princípio, é este: “Somente a Bíblia é a Palavra de Deus”.

Eu devo interpor umas poucas palavras aqui sobre axiomas, pois algumas pessoas, como eu mencionei há uns poucos parágrafos atrás, insistem que elas não têm nenhum. Isso é como dizer que alguém não fala prosa. Qualquer sistema de pensamento, quer ele seja chamado de filosofia, teologia ou

geometria, deve começar em algum lugar. Até mesmo o empirismo ou evidencialismo começam com axiomas. Esse princípio, por definição, é apenas isso, um princípio. Nada vem antes dele. Ele é um axioma, um primeiro princípio. Isso significa que aqueles que começam com uma sensação antes do que com uma revelação, num esforço extraviado para evitar axiomas, não têm evitado axiomas de forma alguma: eles têm meramente trocado o axioma cristão por um axioma secular. Eles têm trocado a revelação proposicional infalível, seu direito de primogenitura como cristãos, por experiências sentimentais falíveis. Todos empiristas, deixe-me enfatizar, mesmo que soe paradoxal para aqueles acostumados a pensar de outra forma, são pressuposicionalistas: eles pressupõem a confiança da sensação. Eles não pressupõem a confiança da revelação. Isso é algo que eles tentam provar. Tal tentativa está condenada.

Tomás de Aquino, o grande teólogo católico romano do século XIII, tentou combinar dois axiomas em seu sistema: o axioma secular das sensações, o qual ele obteve de Aristóteles, e o axioma cristão da revelação, o qual ele obteve da Bíblia. Sua síntese não teve sucesso. A carreira subsequente da filosofia ocidental é a história do colapso do instável condomínio Aristotélico-Cristão de Tomás. Hoje, a forma dominante de epistemologia nos círculos presumidamente cristãos, tanto católico romano como protestante, é o empirismo. Aparentemente, os teólogos de hoje aprenderam pouco do fracasso de Tomás. Se Tomás de Aquino falhou, alguém duvida que Norman Geisler possa ter sucesso.

A lição do fracasso do Tomismo não foi desperdiçada por Clark. Clark não aceitou a sensação como seu axioma. Ele negou que as experiências sentimentais nos forneçam conhecimento de alguma forma. Clark entendeu a necessidade de refutar todos os axiomas concorrentes, incluindo o axioma da sensação. Seu método era o de eliminar toda oposição intelectual ao Cristianismo em sua raiz. Em seus livros — tais como *A Christian View of Men and Things*, *Thales to Dewey*, *Religion, Reason, and Revelation*, and *Three Types of Religious Philosophy* — ele apontou os problemas, falhas, enganos e falácias lógicas envolvidas em se crer que as experiências sentimentais nos fornecem conhecimento.

A consistente rejeição cristã de Clark da sensação como o caminho para o conhecimento tem muitas conseqüências, uma das quais é que as provas tradicionais para a existência de Deus são todas elas falácias lógicas. David Hume e Immanuel Kant estavam corretos: a sensação não pode provar Deus, não meramente porque Deus não pode ser sentido ou validamente inferido a partir da sensação, mas porque nenhum conhecimento de forma alguma pode ser validamente inferido a partir da sensação. O argumento para a existência de Deus falha porque tanto o axioma como o método são errôneos — o axioma da sensação e o método da intuição — não porque Deus seja um conto de fadas. O axioma cristão correto não é a sensação, mas a revelação. O método cristão correto é a dedução, não a indução.

Outra implicação do axioma da revelação é que aqueles historiadores de pensamento que dividem a epistemologia em dois tipos de filosofia, empirista

e racionalista, como se fossem as duas únicas escolhas possíveis — sensação e lógica — são ignorantes da filosofia cristã, o Escrituralismo. Não há somente duas visões gerais na epistemologia; há pelo menos três, e devemos ser cuidadosos para não omitir o Cristianismo de consideração simplesmente pelo esquema que escolhemos para estudar filosofia.

Outra implicação do axioma da revelação é este: antes do que aceitar a visão secular de que o homem descobre a verdade e o conhecimento por seu próprio poder, usando os seus próprios recursos, Clark asseverou que a verdade é um dom de Deus, que Ele graciosamente releva aos homens. A epistemologia de Clark é consistente com a sua soteriologia: assim como os homens não obtêm a salvação por si mesmos, por seu próprio poder, mas são salvos pela graça divina, assim os homens não adquirem conhecimento por seu próprio poder, mas recebem o conhecimento como um dom de Deus. O conhecimento da verdade é um dom de Deus. O homem não pode fazer nada aparte da vontade de Deus, e o homem não pode conhecer nada aparte da revelação de Deus. Não obtemos salvação pelo exercício do nosso livre-arbítrio; não obtemos conhecimento pelo exercício do nosso livre-intelecto. A epistemologia de Clark é uma epistemologia reformada. Todas as outras epistemologias são inconsistentes e ultimamente derivadas de premissas não-cristãs. Nenhum ponto de partida, nenhuma proposição, nenhuma experiência, nenhuma observação, pode ser mais verdadeira do que a palavra de Deus: “Visto que não tinha ninguém superior por quem jurar, Ele jurou por si mesmo”, diz o autor de Hebreus. Se haveremos de ser salvos, devemos ser salvos pelas palavras que saem da boca de Deus, palavras cuja verdade e autoridade são derivadas de Deus somente.

O Escrituralismo não significa, como alguns têm objetado, que podemos conhecer somente as proposições da Bíblia. Nós podemos conhecer suas implicações lógicas também. A Confissão de Fé de Westminster, que é um documento que segue o Escrituralismo, diz que: “A autoridade da Escritura Sagrada, razão pela qual deve ser crida e obedecida, *não* depende do testemunho de *qualquer* homem ou igreja, mas depende *somente* de Deus (que é a própria Verdade) que é o seu autor; tem, portanto, deve ser recebida, *porque é a palavra de Deus*” (ênfase adicionada). Por essas palavras, e pelo fato da Confissão começar com a doutrina da Escritura, não com a doutrina de Deus, e certamente não com provas para a existência de Deus, a Confissão mostra ser um documento que segue o Escrituralismo.

Continuando a idéia da dedução lógica, a Confissão diz: “Todo o conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para a glória dele e para a salvação, fé e vida do homem, ou é expressamente declarado na Escritura ou pode ser lógica e claramente deduzido dela. À Escritura nada se acrescentará em tempo algum, nem por novas revelações do Espírito, nem por tradições dos homens”.

Note a reivindicação da Confissão: “*Todo* o conselho de Deus” é ou expressamente declarado na Escritura ou pode ser deduzido dela. *Todas as coisas* necessárias para a fé e vida são encontradas nas proposições da Bíblia, quer explicitamente, quer implicitamente. *Nada* deve ser acrescentado à

revelação em tempo algum. Somente a dedução lógica das proposições da Escritura é permitida. Nenhuma síntese, nenhuma combinação com idéias anti-escriturísticas é necessária ou permissível.

A lógica — raciocínio por consequência boa e necessária — não é um princípio secular não encontrado na Escritura e adicional ao axioma Escruturístico; ela está contada no próprio axioma. O primeiro versículo do Evangelho de João pode ser traduzido, “No princípio era a Lógica, e a Lógica estava com Deus e a Lógica era Deus”. Toda palavra da Bíblia, de *Bereshith* em Gênesis 1 a *Amém* em Apocalipse 22, exemplifica a lei da contradição. “No princípio” significa no princípio, não cem anos ou nem mesmo um segundo após o princípio. “Amém” expressa uma concordância, não discórdia. As leis da lógica estão embutidas em cada palavra da Escritura. Somente a inferência dedutiva é válida, e a inferência dedutiva — usando as leis da lógica — é a principal ferramenta da hermenêutica. Exegese sadia da Escritura é fazer deduções válidas a partir das declarações da Escritura. Se o seu pastor não está fazendo deduções válidas a partir da Escritura em seus sermões, então, ele não está pregando a Palavra de Deus. É nas conclusões de tais argumentos, bem como nas próprias declarações bíblicas, que consiste o nosso conhecimento.

Alguns objetarão: “Mas nós não sabemos que estamos nesta sala, ou que 2 mais 2 é igual a quatro, ou que a grama é verde?”. Para responder essa objeção, devemos definir as palavras “saber” e “conhecimento”.

Há três tipos de estados cognitivos: conhecimento, opinião e ignorância. Ignorância é simplesmente a falta de idéias. A completa ignorância é o estado de mente com o qual os empiristas dizem que nascemos: todos nós nascemos com mentes brancas, *tabula rasa*, para usar a frase de John Locke. (Incidentalmente, uma mente *tabula rasa* — uma mente branca — é uma impossibilidade. Uma consciência consciente de nada é uma contradição de termos. O Empirismo descansa numa contradição). No outro extremo da ignorância está o conhecimento. Conhecimento não é simplesmente possuir pensamentos ou idéias, como alguns pensam. Conhecimento é possuir idéias verdadeiras e saber que elas são verdadeiras. Conhecimento é, por definição, conhecimento da verdade. Não dizemos que uma pessoa “sabe” que 2 mais 2 são 5. Dissemos que ela pensa isso, mas não que ela sabe. Seria melhor dizer que ela opina isso.

Agora, a maioria do que coloquialmente chamamos conhecimento é realmente opinião: nós “sabemos” que estamos na Pensilvânia; nós “sabemos” que Clinton — seja Bill ou Hillary — é o Presidente dos Estados Unidos, e assim por diante. As opiniões podem ser verdadeiras ou falsas; nós apenas não sabemos as quais. A história, exceto a história revelada, é opinião. Ciência é opinião. A arqueologia é opinião. João Calvino disse: “Eu chamo isso de conhecimento, não o que é inato no homem, nem o que é por diligência adquirido, mas o que nos é revelado na Lei e nos Profetas”. O conhecimento é a opinião verdadeira por causa da sua verdade.

Pode muito bem ser que William Clinton seja o Presidente dos Estados Unidos, mas eu não sei como provar isso, nem, eu suspeito, você. Na verdade, eu não

sei que ele é o Presidente, eu opino isso. Eu posso, contudo, provar que Jesus Cristo ressuscitou dos mortos. Essa informação foi me revelada, não por um jornal diário dúbio ou pelas notícias noturnas, mas pela infalível Palavra de Deus. A ressurreição de Cristo é deduzida da boa e necessária consequência do axioma da revelação.

Qualquer visão de conhecimento que não faz distinção entre a posição cognitiva das proposições bíblicas e as declarações encontradas nos jornais diários fazem três coisas: primeiro, equivoca-se ao aplicar uma palavra, "conhecimento", a dois tipos de declarações totalmente diferentes: declarações infalivelmente reveladas pelo Deus que não pode mentir ou cometer engano, e declarações feitas por homens que tanto mentem como comentem enganos; segundo, por seu empirismo, ela realmente faz as declarações bíblicas menos confiáveis do que aquelas no jornal diário, pois pelo menos algumas declarações no jornal são sujeitas à investigação empírica e as declarações bíblicas não o são; e terceiro, ela, através disso, mina o Cristianismo.

A revelação é nossa única fonte de verdade e conhecimento. Nem a ciência, nem a história, nem a arqueologia, nem a filosofia podem nos fornecer a verdade e o conhecimento. O Escrituralismo toma seriamente a advertência de Paulo aos Colossenses: "Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo. Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade. E estais perfeitos perfeitos nele..."

Uma objeção ingênua ao axioma da revelação surge-nos repetidamente: Eu não tenho que ler a Bíblia? Eu não tenho que saber que eu tenho um livro em minhas mãos e que esse livro é a Bíblia? Eu não tenho que confiar nos sentidos para obter a revelação?

Primeiro, essa objeção esquece a questão epistemológica, como alguém conhece, assumindo que alguém conhece por meio dos sentidos. Mas essa é a conclusão que deve ser provada. A resposta adequada a essas questões é outra série de perguntas: Como você sabe que tem um livro em suas mãos? Como você sabe que está lendo-o? O que é sensação? O que são percepções? O que é abstração? Diga-nos como algumas coisas chamadas sensações se tornam a idéia de Deus. A questão ingênua — não temos que ler a Bíblia? — assume que o empirismo é verdadeiro. Ela ignora todos os argumentos demonstrando a falha cognitiva do empirismo. Uma consideração aceitável de epistemologia, contudo, deve começar no princípio, não no meio. Poucos teólogos, e até mesmo poucos filósofos, contudo, querem começar no princípio.

Mas há outra confusão nessa questão: ela assume que a revelação não é um meio distinto de ganhar conhecimento, mas que até mesmo a informação revelada tem que ser canalizada através ou derivada dos sentidos. Uma conversa entre Pedro e Cristo indicará quão longe essa suposição está da visão escriturística de epistemologia:

Disse-lhes Ele: “Mas vós, quem dizeis que eu sou?”

E Simão Pedro respondendo, disse-lhe: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.

E Jesus, respondendo, disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus.

(Mateus 16:15-17)

Presumidamente Pedro tinha “ouvido” com seus ouvidos e “visto” com seus olhos, mas Cristo diz que o seu conhecimento não veio pela carne e sangue — ele não veio pelos sentidos; ele veio pela revelação do Pai. Esse é o porquê Cristo proíbe os cristãos de serem chamados mestres, “porque um só é o vosso Mestre, o Cristo” (Mateus 23:10). Não importa, é em Deus que vivemos e nos movemos, e temos nossa existência.

Soteriologia

Soteriologia, a doutrina da salvação, é um ramo da epistemologia, a teoria do conhecimento. Soteriologia é um ramo da metafísica, pois os homens não cessaram de ser quando eles caíram, nem são eles deificados quando são salvos; homens salvos, mesmo no céu, continuam sendo criaturas temporais e limitadas. Somente Deus é eterno; somente Deus é onisciente; somente Deus é onipresente.

A soteriologia não é um ramo da ética, pois os homens não são salvos pelas obras. Somos salvos a despeito das nossas obras, não por causa delas.

Nem é a soteriologia um ramo da política, pois a noção de que a salvação, seja temporal ou eterna, pode ser alcançada por meios políticos é uma ilusão. Tentativas de imanentizar o *eschaton* tem trazido nada senão sangue e morte à Terra.

A salvação é pela fé somente. Fé é a crença na verdade. Deus revela a verdade. Fé, o ato de crer, é um dom de Deus. “Com o seu conhecimento o meu servo, o justo, justificará a muitos” (Isaías 53:11).

A visão de Clark da salvação, refletida no capítulo da Confissão de Fé de Westminster sobre justificação, está em divergência com o que se passa no Cristianismo de hoje. O Cristianismo popular menospreza o conhecimento. Clark aponta que Pedro diz que temos recebido tudo que precisamos para a vida e a piedade através do conhecimento. Tiago diz que a Palavra da Verdade nos regenera. Paulo diz que somos justificados por crer na verdade. Cristo diz que somos santificados pela verdade.

Há três visões populares de santificação hoje: santificação pelas obras, santificação pelas emoções e santificação pelos sacramentos. A primeira, santificação pelas obras, é algumas vezes expressa por aqueles que reivindicam ser reformados ou calvinistas: eles ensinam que somos justificados pela fé, mas que somos santificados pelas obras. Calvino não tinha tal visão, e a Confissão de Westminster a refuta. A segunda visão, santificação pelas emoções, é a visão dos pentecostais, carismáticos e grupos de santidade. O Catolicismo Romano e outras igrejas que crêem no poder magistral dos sacramentos para regenerar ou santificar, sustentam a terceira visão, a santificação pelos sacramentos. Mas assim como somos regenerados pela verdade somente, e justificados por crer na verdade somente, somos santificados pela verdade somente também.

Metafísica

Voltemo-nos brevemente para a metafísica. Clark escreveu relativamente pouco sobre o assunto da metafísica num sentido estreitamente filosófico. Clark era, obviamente, um teísta. Deus, revelado na Bíblia, é espírito e verdade. Visto que a verdade sempre vem em proposições, a mente de Deus, isto é, o próprio Deus, é proposicional. Clark escreveu um livro chamado *The Johannine Logos* [O Logos Joanino], no qual ele explicou como Cristo pôde se identificar com Suas palavras: “Eu sou a Verdade”. “Eu sou a Vida”. “As palavras que vos tenho dito são verdade e vida”. Clark, como Agostinho, foi acusado de “reduzir” Deus a uma proposição. Antes do que fugir de tal acusação, Clark impressionou alguns de seus leitores insistindo que pessoas são realmente proposições. Alguns têm sido tão confundidos com sua declaração que eles pensam que ele disse que proposições são pessoas, e assim, eles se maravilham que uma sentença declarativa, tal como “O gato é preto”, seja realmente uma pessoa.

Conhecimento é conhecimento da verdade, e a verdade é imutável. A verdade é eterna. Nós sabemos que Davi foi Rei de Israel e que Jesus ressuscitou dentre os mortos, não porque vimos isso, mas porque Deus nos revelou essas verdades. Elas são conhecimento porque elas são reveladas como verdades. Porque todos vivemos e nos movemos e temos nossa existência em Deus, tanto o pensamento como a comunicação são possíveis. A comunicação não é baseada em se ter as mesmas sensações, como os empiristas pensam, mas em se ter as mesmas idéias. Nunca poderemos ter as mesmas sensações que outras pessoas têm — você não pode ter minha dor de dente, e eu não pode ver a sua cor azul — mas ambos podemos pensar que a justificação é pela fé somente. O empirismo, que nos promete uma realidade objetiva — ele chama o assunto de realidade — comunica somente o solipsismo¹. No mundo material os empiristas descrevem cada um de nós — se deveras eu sou mais uma das suas dores de cabeça ou pesadelos — como dentro de nossas próprias sensações, e não há escapatória. A ciência, contudo, é uma tentativa de escapar do solipsismo da sensação.

¹ Nota do tradutor: Solipsismo é a doutrina filosófica segundo a qual a única realidade que existe é o eu; corrente filosófica que diz que somente o eu pode ser ciente de si mesmo.

Aqueles cristãos que colocam sua confiança na ciência como a chave para entender o universo material devem ser embaraçados pelo fato de que a ciência nunca descobre a verdade. Um dos problemas insuperáveis da ciência é a falácia da indução; realmente, a indução é um problema insuperável de todas as formas de empirismo. O problema é simplesmente este: indução, argumentar a partir do particular para o geral, é sempre uma falácia. Não importa quantos cisnes brancos alguém observe, ele nunca terá razão suficiente para dizer que todos os cisnes são brancos. Há outra falácia fatal no método científico também: afirmar o conseqüente. Bertrand Russell coloca a questão desta forma:

Todos os argumentos indutivos em última instância se reduzem a seguinte forma: “Se isto é verdadeiro, então é verdadeiro: agora que isso é verdadeiro, portanto, isso é verdadeiro”. Esse argumento é, certamente, formalmente falacioso. [É a falácia de afirmar o conseqüente.] Suponha que eu dissesse: “Se pão é uma pedra e pedras são alimentos, então esta pedra me alimentará; agora, este pão não me alimenta; portanto, ele é uma pedra e pedras não alimentam”. Se eu fosse avançar tal argumento, certamente seria tolo, todavia, *não seria fundamentalmente diferente do argumento sobre o qual todas as leis científicas são baseadas* (ênfase adicionada).

Reconhecendo que o problema da indução é insolúvel, e que afirmar o conseqüente é uma falácia lógica, os filósofos da ciência no século XX, num esforço para justificar a ciência, desenvolveram a noção de que a ciência não se apóia na indução de forma alguma. Em vez disso, ela consiste de conjecturas e refutações. Esse é o título de um livro de Karl Popper, um dos principais filósofos da ciência nesse século. Mas em sua tentativa de salvar a ciência da desgraça epistemológica, os filósofos da ciência tiveram que abandonar qualquer reivindicação de conhecimento: a ciência não é nada senão conjecturas e refutações de conjecturas. Popper escreveu:

Primeiro, embora na ciência façamos nosso melhor para encontrarmos a verdade, estamos conscientes do fato de que *nunca* podemos estar certos se a alcançamos ou não... Nós sabemos que nossas teorias científicas *sempre* permanecem como hipóteses... Na ciência não há “conhecimento” no sentido no qual Platão e Aristóteles entendiam o mundo, no sentido que implica finalidade; na ciência, nós *nunca* temos razão suficiente para a crença de que alcançamos a verdade... Einstein declarou que sua teoria era *falsa*: ele disse que ela poderia ser uma melhor aproximação da verdade do que a de Newton, mas ele deu razões pelas quais ele não a considerava uma teoria verdadeira, mesmo que todas as predicações se revelassem corretas... Nossas tentativas de ver e encontrar a verdade não são finais, mas uma abertura para o aprimoramento;... nosso conhecimento, nossa doutrina é conjectural;... ela consiste de suposições, de hipóteses, antes do que verdades certas e finais.

Aqueles teólogos que aceitam a observação e a ciência como a base para argüir a verdade do Cristianismo estão tentando o impossível. A ciência não pode nos fornecer verdade sobre o universo material que ela propõe descrever, muito menos verdade sobre Deus. O mundo empírico, que começa com uma metafísica da matéria, conhecimento da qual obtemos a partir da sensação, não pode nos fornecer conhecimento de forma alguma. *Nele* — não na matéria — vivemos, nos movemos e temos nossa existência.

Ética

A filosofia ética de Clark também era derivada do axioma da revelação. A distinção entre o certo e o errado depende inteiramente dos mandamentos de Deus. Não há lei natural que faça algumas ações corretas e outras erradas. Nas palavras do *Breve Catecismo*, pecado é qualquer falta de conformidade com a lei de Deus. Não houvesse lei de Deus, não haveria nada certo ou errado.

Isso pode ser visto claramente no mandamento de Deus para Adão não comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Somente o mandamento de Deus fez o comer o fruto ser pecado. Ele pode ser visto também no mandamento de Deus para sacrificar Isaque. Somente o mandamento de Deus fez o sacrifício ser correto, e Abraão apressou-se em obedecer. Estranho como possa soar para os ouvidos modernos, acostumados a ouvir tanto sobre o direito de vida, ou o direito de habitação decente, ou o direito de escolher, a Bíblia diz que os certos e errados naturais não existem: somente os mandamentos de Deus fazem com que algumas coisas sejam corretas e outras coisas sejam erradas.

No Antigo Testamento, era um pecado para os judeus comer carne de porco. Hoje, todos nós podemos desfrutar bacon e ovos no café da manhã, embora teonomistas, reconstrucionistas, adventistas do sétimo dia e judaizantes possam impedir. E isso pode incomodar alguns que não são teonomistas a aprenderem que Deus pode ter feito o assassinato de um ser humano ou a conquista de uma propriedade uma virtude, não um pecado. Essa é uma das lições da história de Abraão. Mas, de fato, Deus fez o assassinato de um homem inocente ser um pecado. Nesse mundo Deus ordena: “Não matarás”. O que faz o assassinato ser errado não é algum presumido ou pré-existente direito a vida, mas o próprio mandamento divino.

Se possuíssemos direitos porque somos homens — se nossos direitos fossem naturais e inalienáveis — então, o próprio Deus teria que respeitá-los. Mas Deus é soberano. Ele é livre para fazer com Suas criaturas o que Lhe parecer apropriado. Alguém precisar apenas ler Isaías 40. Assim, não temos direitos naturais. Isso é bom, pois os direitos naturais e inalienáveis são logicamente incompatíveis com qualquer tipo de punição. A multa, por exemplo, viola o direito inalienável de propriedade. A prisão viola o direito inalienável de liberdade. A execução viola o direito inalienável de vida. A teoria do direito natural é logicamente incoerente em seu fundamento. Os direitos naturais são

logicamente incompatíveis com a justiça. A idéia bíblica não é de direitos naturais, mas de direitos imputados. Somente os direitos imputados, não direitos intrínsecos — direitos naturais e inalienáveis — são compatíveis com a liberdade e a justiça. E aqueles direitos são imputados por Deus.

Além do mais, Clark demonstra, todas as tentativas de basear a ética em algum outro fundamento, que não a revelação, fracassam. A lei natural é um fracasso, como David Hume tão gentilmente aponta, pois “deveres” não podem ser derivados de “coisas que são”. Numa linguagem mais formal, a conclusão de um argumento não pode conter nenhum termo que não seja encontrado em suas premissas. Os legistas naturais, que começam seus argumentos com declarações sobre o homem e o universo, declarações no modo indicativo, não podem terminar seus argumentos com declarações no modo imperativo.

A principal teoria ética competindo com a teoria da lei natural hoje é o utilitarismo. O utilitarismo nos diz que a ação moral resulta no maior bem para o maior número de pessoas. Ele fornece um método elaborado para calcular os efeitos das escolhas. Desafortunadamente, o utilitarismo é também um fracasso, pois não somente comete a falácia naturalística dos legistas naturais, mas também requer um cálculo que não pode ser executado. Não podemos saber qual é o maior bem para o maior número de pessoas.

A única base lógica para a ética são os mandamentos revelados de Deus. Eles nos fornecem não somente a distinção básica entre certo e errado, mas também instruções detalhadas e exemplos práticos de certo e errado. Eles realmente nos assistem no viver de nossas vidas diárias. Tentativas seculares de providenciar um sistema ético fracassam em ambos os lados.

Política

Clark não escreveu muito sobre política, mas é claro a partir do que ele escreveu que ele fundamentava sua teoria política na revelação, não na lei natural, nem no consentimento do governado, nem no exercício da mera força.

Num longo capítulo no livro *A Christian View of Men and Things* [Uma Visão Cristã dos Homens e das Coisas], ele argumenta que tentativas de basear uma teoria de política em axiomas seculares resultam na anarquia ou no totalitarismo. Ele argumenta que somente o Cristianismo, que fundamenta os poderes legítimos do governo não no consentimento do governado, mas na delegação de poder por Deus, evita os males gêmeos da anarquia e do totalitarismo.

O governo tem uma função legítima na sociedade: a punição dos malfeitores e o louvor dos benfeitores, como Paulo colocou em Romanos 13. Educação, bem-estar, habitação, parques, pensão, cuidado médico, exploração do

espaço, e milhares de outros programas nos quais o governo está envolvido hoje são ilegítimos. O fato de que o governo está envolvido em todas essas atividades é uma razão primária do porquê o governo não está fazendo seu legítimo trabalho também: o crime está aumentando, e o sistema de justiça criminal é uma crescente ameaça para a liberdade. As pessoas são julgadas duas vezes pelo mesmo crime, sua propriedade é tomada sem o devido processo da lei ou a justa compensação, pessoas inocentes são punidas e pessoas culpadas são libertas.

Clark cria que a Bíblia ensina uma função distintamente limitada para o governo. As atividades correntes de muitos cristãos na política têm sido estranhas ao seu pensamento. O objetivo bíblico não é uma larga burocracia composta por cristãos, mas virtualmente nenhuma burocracia. Não deveria haver nenhum Departamento Cristão de Educação, nenhum Departamento Cristão de Habitação, nenhum Departamento Cristão de Agricultura, simplesmente porque não deveria haver nenhum Departamento de Educação, de Habitação, de Agricultura, ponto. Não precisamos e não devemos nos opor a um *Christian Bureau of Alcohol, Tobacco, and Firearms* [Departamento do Tesouro americano que controla o comércio e a produção de álcool tabaco e armas de fogo] ou a um *Christian Internal Revenue Service* [Serviço Cristão da Receita Federal]. Os assim chamados cristãos evangélicos estão engajados numa busca de poder político que faz suas atividades quase indistinguíveis das atividades dos pregadores do “evangelho social” do início e de meados do século XX. Esse tipo de ação política não tem nada a ver com a Escritura.

O Sistema

Cada uma das partes desse sistema filosófico — epistemologia, soteriologia, metafísica, ética e política — é importante, e as idéias ganham força quando são arranjadas num sistema lógico. Em tal sistema, onde proposições são logicamente dependentes ou logicamente implicadas por outras proposições, cada parte reforça mutuamente as outras. Historicamente — embora não nesse século decadente — os calvinistas têm sido criticados por serem muito lógicos. Mas se estivermos sendo transformados pela renovação das nossas mentes, se estivermos trazendo todos os nossos pensamentos em conformidade com Cristo, devemos aprender a pensar como Ele pensou, logicamente e sistematicamente.

Gordon Clark elaborou um sistema filosófico completo que procede de rigorosa dedução a partir de um axioma para milhares de teoremas. Cada um dos teoremas se ajusta ao sistema como um todo. Se você aceita um dos teoremas, você deve, sob a pena de contradição, aceitar o todo. Mas muitos líderes na igreja professante não sentem nenhuma pena, e alguns até mesmo se gloriam na contradição. Eles estão completamente confusos e estão frustrando o avanço do reino de Deus.

O Escrituralismo — Cristianismo — é uma visão completa de todas as coisas consideradas juntamente. Ele engaja filosofias não-cristãs em todo campo do

esforço intelectual. Ele forneceu uma teoria coerente do conhecimento, uma salvação infalível, uma refutação da ciência, uma teoria do mundo, um sistema coerente e prático de ética, e os princípios requeridos para a liberdade e a justiça política. Nenhuma outra filosofia faz isso. Todas as partes do sistema podem ser mais desenvolvidas; algumas partes raramente têm sido consideradas. É minha esperança e oração que a filosofia do Escrituralismo conquistará o mundo cristão no próximo século. Se ela não o fizer, se a igreja continuar a declinar em confusão e incredulidade, pelo menos uns poucos cristão se refugiarão na fortaleza intelectual impregnável que Deus nos deu em Sua Palavra. Que você possa estar entre esses poucos.

Uma versão menor desta palestra foi entregue no Seminário Teológico Bíblico, Hatfield, Pensilvânia, em 27 de Abril de 1993.

Agosto de 1993

Traduzido por: [Felipe Sabino de Araújo Neto](#)
Cuiabá-MT, 19 de julho de 2005.